

Vale a Pena Negociar com Savimbi?

Gerald Bender

Partindo do princípio que é impossível negociar a paz com Jonas Savimbi - porque este não quer a paz mas apenas o poder - a melhor estratégia da parte do Governo de Eduardo dos Santos seria a de se dedicar às necessidades essenciais dos angolanos, em vez de adquirir mais tanques e bombardeiros.

Existem actualmente apelos vindos de várias partes - desde o Secretário-Geral das Nações Unidas ao Ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, ou às Igrejas em Angola - no sentido de se reiniciarem imediatamente negociações para a resolução da guerra civil angolana. Esta é uma perspectiva que todos partilhamos com facilidade, uma vez que ninguém prefere a guerra em vez da paz. Em 11 de Junho, por exemplo, mais de 20.000 angolanos reuniram-se num Estádio em Luanda para um serviço religioso durante o qual a multidão entoou cânticos onde se dizia "não à guerra, sim à paz" e "não à mentira, sim ao diálogo".

A organização e expressão das organizações cívicas angolanas, desde as Igrejas às ONG's, deve ser aplaudida e encorajada. Durante demasiado tempo e sociedade civil em Angola esteve silenciosa, pelo que este é um desenvolvimento muito positivo. Infelizmente, porém, os slogans e o maniqueísmo não podem determinar um fim rápido para o conflito armado. Antes de iniciar negociações, torna-se necessário responder a duas questões fundamentais: (1) Qual é o objectivo de Savimbi ao continuar a guerra e poderá esse objectivo ser satisfeito pela via negocial? (2) Realizar negociações sobre que assunto: quantos Ministros, Vice-Ministros, Governadores, etc, a UNITA terá no Governo de reconciliação nacional, OU sobre a resolução das divisões raciais, regionais étnicas ou económicas fundamentais no país, como insiste a UNITA?

Durante o último ano, a UNITA tem sido muito explícita sobre o quadro geral das negociações. Na versão mais recente, o Comité Permanente da UNITA em Angola defendeu em 25 de Maio deste ano que as conversações directas entre a UNITA e o governo de José Eduardo dos Santos devem "tomar em consideração as causas profundas, culturais, históricas, políticas, sociais e económicas do conflito prolongado em Angola". Esta não é claramente a fórmula para terminar o conflito armado, mas sim para prolongar as negociações por muitas décadas, na medida em que as questões referidas não podem ser resolvidas numa mesa de negociações, em conferências internacionais ou através da mediação das organizações cívicas ou das Igrejas em Angola.

A questão central que os angolanos e estrangeiros devem colocar actualmente é qual a razão porque Savimbi optou pela guerra em detrimento da paz. No passado, a UNITA lutou por muitas causas que contavam com um apoio considerável: a posição anti-colonial, anti-soviética, anti-sistema de partido único, a favor de eleições democráticas e de uma maior incorporação de membros do grupo étnico de Savimbi (Ovimbundu) no Governo. Actualmente existe um grande número de Ovimbundu no Governo e é precisamente o seu próprio povo que é a principal vítima dos ataques do Movimento. Porquê? Eu próprio coloquei esta questão ao anterior Representante do Secretário-Geral da ONU em Angola, Maître Beye, pouco antes da sua morte numa misteriosa queda de avião em Julho de 1998. A sua resposta foi objectiva e categórica: "Savimbi quer ter poder, quer ser o Presidente de Angola e fará tudo o que fôr necessário para atingir este objectivo".

Se Beye ainda estivesse vivo, certamente não ficaria surpreendido de ter ouvido Savimbi afirmar perante as suas tropas no final de 1998: "Paz? Não há paz, há

poder...e o poder não é paz. Onde está a paz de Lusaka? E o poder, aqueles que estão no poder, têm que ser derrubados, senão nunca sairão. Vocês não precisam de paz, o que necessitam é de poder” .

Embora seja verdade que as guerras raramente acabam com a vitória de uma das partes sobre a outra – e Angola certamente não será uma excepção a este axioma – , não podemos tirar a conclusão de que a via negocial é o único caminho a seguir. Simplesmente não é possível negociar com certos líderes obcecados com a dominação e o poder, tais como Pol Pot no Cambodja, Foday Sankoh na Serra Leoa, e Jonas Savimbi em Angola. Neste sentido, é um erro pressionar o governo angolano a negociar nesta altura. E é não só um erro, mas um perigo, na medida em que iria simplesmente conferir a Savimbi mais uma oportunidade para reconstruir as suas forças militares convencionais e voltar aos combates, pois, nas suas próprias palavras, o que estas necessitam é de poder e não de paz.

Uma ironia relativamente ao sucesso do governo angolano em convencer a maior parte do mundo acerca da venalidade de Savimbi é que acabou por atrair atenções para as suas próprias falhas de governação e corrupção. Enquanto inicialmente existiam dois actores no palco angolano, hoje todos os holofotes estão centrados no Governo. Um dos resultados é que, cada vez que o Governo pressiona a imprensa, viola os direitos humanos ou resiste a reformas económicas fundamentais, fá-lo às claras, perante os olhares de todos. Até agora a tendência governamental tem sido de regeitar todas as críticas nas áreas referidas por alegadamente constituírem um apoio à UNITA, mas temos que reconhecer que 99% daqueles que criticam as políticas governamentais não são apoiantes desse Movimento.

Este reconhecimento é particularmente importante, dado a convocação de novas eleições pelo Presidente Eduardo dos Santos no próximo ano. As eleições deveriam forçar o Governo a tomar medidas para melhorar as condições de vida dos seus cidadãos, o que é particularmente importante nas áreas rurais, que têm sido particularmente negligenciadas nas últimas décadas. A população angolana tem que ter uma razão para apoiar o Governo. Durante todos estes anos de conflito armado, Savimbi tem conseguido com sucesso recrutar apoios entre a população descontente das zonas rurais, pelo que a melhor estratégia militar que o Governo poderia levar a cabo seria a de se dedicar directamente às necessidades essenciais dos angolanos, em vez de adquirir mais tanques e bombardeiros.

Apesar de existirem literalmente centenas de partidos políticos registados em Angola, todos estão actualmente ofuscados e enfraquecidos pelo partido no Governo. Com efeito, uma das maiores preocupações sobre as próximas eleições diz respeito ao facto de não existir qualquer oposição credível. Se esta situação permanecer, o acto eleitoral pode transformar-se num referendo sobre o desempenho do Governo desde as últimas eleições em 1992. E se estas eleições fossem realizadas hoje, o Governo ficaria provavelmente surpreso e embaraçado pelo resultado do referendo.